

CNE - Núcleo de Braga: 60 anos de Histórias

POR ALEXANDRA GONÇALVES (CHEFE DE NÚCLEO DE BRAGA)

O núcleo de Braga do Corpo Nacional de Escutas - Escutismo Católico Português, celebra, em julho de 2019, 60 anos de momentos e aventuras partilhadas por crianças e jovens que foram aceitando o desafio de dizer sim a um ideal de vida que Baden-Powell nos deixou como legado.

60 anos de escutismo encerram em si uma riqueza ímpar que ganha um sentido ainda mais especial quando é partilhada, festejada e devolvida àqueles que hoje são a alma e o testemunho vivo de um bem maior: os escuteiros.

60 anos de caminhos percorridos sem olhar tanto ao desgaste das so-

las das botas, mas mais para o bem que se vai fazendo e para os sentimentos tão bons com que se vão enchendo os corações.

A riqueza do escutismo, a sua metodologia e os seus pilares fazem a diferença, pois eles impelem crianças e jovens a agir não só por si, mas pelos outros. Incentivam à ação, a ir ao encontro, a servir de uma forma comprometida. Nele, cada criança ou jovem é o protagonista da sua própria educação.

Aproveitemos a caminhada, contemplemos a beleza da paisagem e das suas gentes, e agradeçamos a tantos que vão ao nosso lado, a tantos que nos deixaram testemunhos arrebatado-

res do que é ser escuteiro. A tantos que, como nós,



se entusiasmarem, viveram e continuam a viver o escutismo.

O importante é ser feliz e, como nos disse Baden-Powell, “o melhor meio

para alcançar a felicidade é contribuir para a felici-

dade dos outros.”

Queremos que este ano seja uma contínua festa e, por isso, acreditamos que este é o momento apropriado para chamar pes-

soas de ontem e de hoje e contar histórias, dando às mais novas e às futuras gerações a possibilidade de conhecerem, de tomarem consciência do curso destes 60 anos.

Somos, atualmente, mais de 2 mil escuteiros, em 40 agrupamentos, de 3 arquiprestados diferentes (Braga, Amares e Terras de Bouro). Uma realidade desafiante onde se unem esforços num objetivo arrojado e comum: ajudar as crianças e os jovens a crescer em sabedoria, graça e idade.

A vontade de visitar o passado, de partilhar as histórias com a comunidade que nos acolhe sempre e de braços abertos, fez-nos avançar. Quere-

mos histórias contadas, sempre que possível, por quem as viveu na primeira pessoa. “Recordar é viver”, já dizia Victor Espadinha, e que bela forma de festejarmos os 60 anos. Sentir em cada palavra e em cada fotografia a emoção, o sentido de serviço, o valor dado ao compromisso assumido, a fé de levar mais longe o ideal escutista.

Acreditamos que este é o momento de JUNTAR GERAÇÕES, REFORÇAR e REVITALIZAR A VIVÊNCIA ESCUTISTA no nosso núcleo. Este é tempo propício para reviver e aprender com a história e, assim, seguir o caminho da verdadeira graça.

O primeiro chefe do núcleo de Braga

POR ANTÓNIO AZEVEDO (DIRIGENTE DO CNE)

No final da década de cinquenta, quando o Escutismo Católico Português já era adulto no País e naturalmente na Região de Braga onde ele nasceu, é encarada a necessidade da criação do Núcleo de Braga, tendo conta o sentimento cada vez mais expressivo de expansão do número de agrupamentos escutistas já existentes no concelho. Até ali, era a própria Junta Regional que se ocupava de acompanhar diretamente a criação, apoio e desenvolvimento das unidades do CNE na área do Arquiprestado.

Nasce assim, pelas mãos do dirigente Manuel Faria de Araújo, no vulgo conhecido por “Chefe Faria”, o Núcleo de Braga de que foi o pri-

meiro Chefe e se viria a manter durante longos anos.

Persistente nos seus desígnios, carismático, incansável na sua ação, apaixonado pelo escutismo e acompanhado de uma enorme boa disposição e alegria que contagiava os que o rodeavam, o Chefe Faria marcou fortemente a atividade do Núcleo de Braga não só enquanto responsável do mesmo, acompanhado do seu braço direito o Chefe Macedo, mas também, pelo seu apoio dinamizador e espontânea disponibilidade para ajudar, no que quer que fosse, os chefes de Núcleo que lhe sucederam.

A sua colaboração foi também preponderante

no apoio à resolução de alguns problemas delicados do Núcleo no tempo do PREC - Processo Revolucionário em Curso, com a sua intervenção diplomática mas de firmeza nos princípios e valores do escutismo católico.

Assim como, na complexidade da reorganização do CNE a nível nacional na sequência do 25 de Abril, que faz recordar, dentre outras, uma peripécia revelante do humor perspicaz do Chefe Faria, no primeiro Conselho Nacional Plenário, na Foz do Arelho, participado por muitas centenas de dirigentes e caminheiros. Ao tempo, só existiam três seções no movimento: Lobitos, Exploradores e

Caminheiros. Em plena sessão, um jovem lisboeta que proferia a sua intervenção perante tão magna plateia, dentro do seu contexto deixou soltar a expressão “... temos que acabar com os explorados e os exploradores”. Ato contínuo, de quase do fundo da plateia, em voz sonora e reveladora de espanto, o Chefe Faria lhe atira: - “Oh pá! E depois os Lobitos passam para Caminheiros?!”. De imediato, uma sonora gargalhada de toda a plateia, seguida de enorme atrapalhação do orador para explicar que não era isso o que queria dizer.

Que o espírito do Chefe Faria nos continue a orientar lá do Eterno Acampamento.



Chefes Arlindo Rodrigues, Manuel Faria e Manuel Macedo